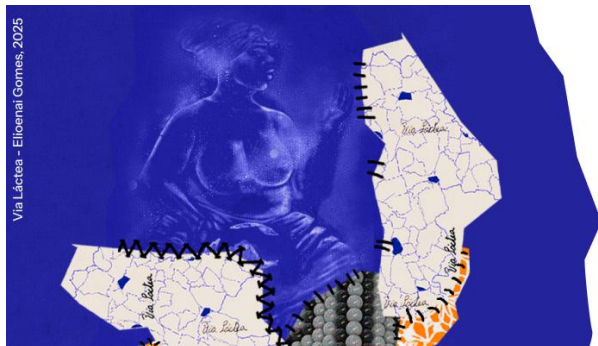




CORPO E ORALIDADE: NEOLOGISMOS DE GUIMARÃES ROSA NOS PROCESSOS CRIATIVOS DO PETI-TEATRO DA UESB

Beatriz Sandy Santos Silva¹ – UESB

Isabele Menezes Serra² – UESB

Maiara da Silva Moreira³ – UESB

Francisco André Sousa Lima (orientador)⁴–UESB

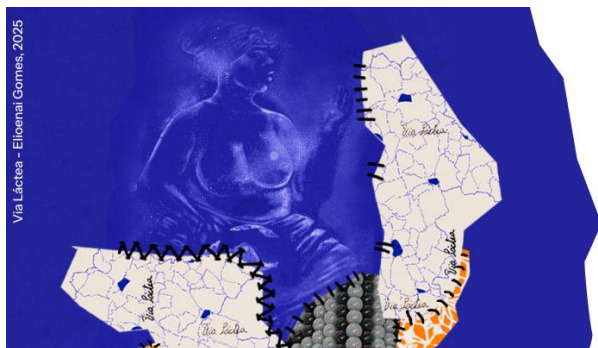
O PETI-Teatro é um grupo de educação tutorial que vem desenvolvendo pesquisas artísticas e acadêmicas no campo teatral que visam aproximar formação de professores, criação artística e extensão universitária. Um dos braços de atuação do Programa é o núcleo artístico denominado Lupa (Laboratório Universitário de Práticas de Atuação). Neste trabalho, compartilharemos a pesquisa artística que vem sendo desenvolvida no núcleo desde setembro de 2025.

O Lupa busca ampliar o alcance do teatro enquanto linguagem artística e pedagógica, aproximando o público universitário e a comunidade externa. Atualmente, por meio dessa atuação, buscamos possibilitar o contato com obras literárias brasileiras clássicas, oferecendo ao público uma experiência de fruição de uma obra cênica fruto de uma adaptação literária. Na pesquisa atual, partimos do conto *Meu tio Iauaretê*, de Guimarães Rosa (1962), explorando a prosódia e os neologismos linguísticos da obra. Um português tingido com termos de origem tupi dão origem no espetáculo a onomatopeias, sons inventados e repetições que insinuam o vínculo do

¹ Beatriz Sandy Santos Silva é graduanda em Licenciatura em Teatro pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e bolsista do PETI-Teatro. Diretora e dramaturga das obras “Desencontros”, “Entre Nós” e “O Último Gole de Nós”, desenvolve atividades ligadas à direção, dramaturgia e processos colaborativos em teatro.

² Isabele Menezes Serra. Graduanda em Licenciatura em Teatro pela Universidade Estadual do Sudoeste Baiano (2021). Bolsista no PETI-Teatro (2024). Atriz, diretora, dramaturga. “assim eu vejo.” e “Minha Forma.”, são resultados cênicos de pesquisa de terror psicológico no teatro, que segue em processo.

³ Maiara da Silva Moreira. Atriz, Diretora e Professora. Graduanda em Licenciatura em Teatro pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB (2021). Bolsista do Programa de Educação Tutorial Institucional-Teatro (PETI-TEATRO) desde 2023. Integra desde 2025 o Núcleo de Estudos em Processos Artístico-Pedagógicos em Teatro– NEPAT. Também é integrante do Laboratório Universitário de Práticas de Atuação – LUPA (Jequié-BA).



personagem protagonista com a natureza. É como se o texto nos fizesse ouvir a mata: o farfalhar, os ruídos noturnos e até os silêncios. Essas onomatopeias não servem só de enfeite, mas criam um ambiente sonoro vivo, onde a linguagem respira como música e abre espaço para o(a) ator/atriz explorar ritmo e intensidade.

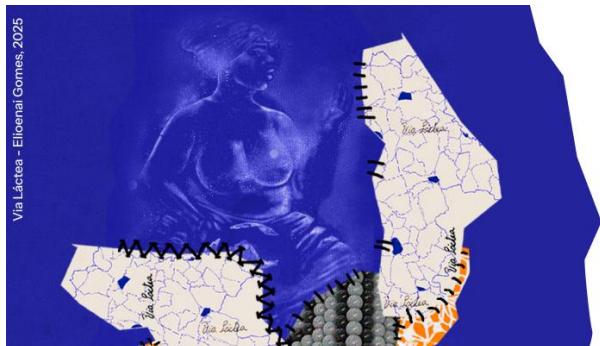
Outro aspecto importante de nossa investigação é a relação entre palavra e oralidade. Em *Meu tio Iauaretê*, a entonação, as pausas, o ritmo e até os silêncios carregam sentidos que ultrapassam o simples registro escrito. Nesse processo, compreendemos que a palavra falada não é mera transcrição da escrita, mas um acontecimento vivo, que ganha corpo na voz do(a) ator/atriz. Assim, a pesquisa com o Lupa busca explorar como a verbalidade pode transformar o texto de Guimarães Rosa em experiência cênica, aproximando a literatura de uma dimensão performática e expandindo suas possibilidades de comunicação com o público.

Figura 1 - Momento de pesquisa, 07.06.2025



Fonte: Arquivo do Peti-Teatro

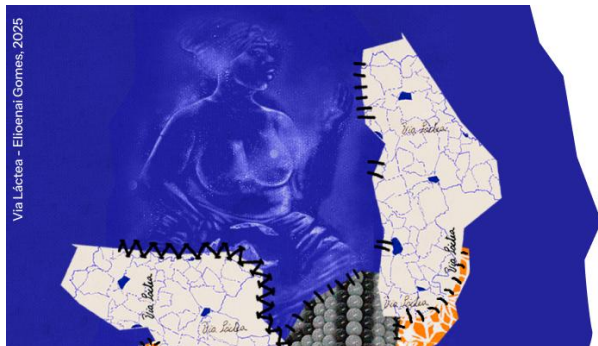
No processo de criação da nova montagem, o grupo passou por uma etapa de experimentação na qual utilizamos vários jogos teatrais em que a ênfase estava na palavra dita ou na construção de partituras corporais que representassem uma história apenas com o uso de onomatopeias, não só jogos, mas também buscamos saber de outras formas, como leituras e vídeos como é esse universo, como é “ser onça”. O intuito é que, através dos jogos teatrais e dessas pesquisas, o elenco



vivenciasse na prática algumas das palavras utilizadas por Guimarães Rosa. O conto apresenta um caráter desafiador tanto pela complexidade da linguagem quanto pela profundidade temática, mas isso é precisamente o que o torna uma investigação rica para um trabalho de pesquisa e criação cênica.

Meu tio Iauaretê é um texto que rompe com uma linearidade narrativa, utilizando uma linguagem regional que mescla elementos da oralidade rural, expressões indígenas e termos afro-brasileiros. Essa diversidade de palavras reflete não apenas a riqueza cultural do Brasil, mas também a multiplicidade de vozes que formam nossa identidade linguística. Na adaptação do texto para a obra teatral, utilizamos uma escrita repleta de neologismos, ou seja, palavras inventadas ou ressignificadas a partir de outras já existentes, como estratégia para criar novas imagens e intensificar a expressividade do texto. Além disso, a narrativa traz elementos de culturas indígenas, sobretudo do Tupi-Guarani, mesclando falas, expressões e visões de mundo que remetem a uma ancestralidade frequentemente silenciada nos espaços formais de ensino. Termos afro-brasileiros também aparecem, revelando o cruzamento de universos culturais distintos, a presença de palavras de outros idiomas, como o inglês e o espanhol, também integra o nosso roteiro, evidenciando a dinâmica da língua em contato com diferentes povos e contextos históricos. Por ser um texto “complexo”, como o próprio grupo definiu, não nos restringimos somente a interpretar a obra mas também buscamos ressignificá-la para a cena, criando novos caminhos de compreensão e comunicação com o público.

Não interessa a descrição das investigações pura e simplesmente. O importante é refletir sobre como o espetáculo aborda a relação entre humanidade e natureza, apoiando-se em referenciais teóricos que fundamentam nossas escolhas cênicas. Cristiane Barreto (2015), em *A travessia do narrativo para o dramático*, defende que a adaptação teatral não deve ser vista como mera transposição, mas como um movimento criativo de transformação, no qual novas narrativas podem emergir. Nesse processo, também buscamos dialogar com a filosofia de Ailton Krenak, especialmente em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), que enfatiza a



necessidade de restabelecer nosso vínculo com a terra e com todos os seres que dela participam. Para Krenak, humanos, animais, rios e florestas fazem parte de uma mesma rede de existência, e ignorar essa conexão nos afasta do que é essencial para a vida.

Também consideramos para o processo as reflexões de Nêgo Bispo, especialmente a partir de sua obra *A Terra Dá, A Terra Quer* (2023), que propõe um pensamento circular e profundamente integrado à natureza, valorizando saberes tradicionais e formas coletivas de organização social. Optamos por utilizá-lo como referência por sua capacidade de abrir caminhos para pensar relações mais harmoniosas entre pessoas, comunidades e o meio ambiente, e por seu olhar sensível às experiências culturais quilombolas e afro-brasileiras. Bispo desafia visões lineares e dominadoras, convidando-nos a refletir sobre modos de vida e organização social pautados na coletividade, na ancestralidade e na relação orgânica com a terra. Suas ideias fundamentaram a argumentação do resumo e da pesquisa cênica, inspirando o processo criativo e ajudando-nos a imaginar formas de criação e de educação que sejam conscientes, respeitosas, integradas à experiência coletiva e capazes de valorizar saberes e práticas que muitas vezes permanecem fora dos currículos tradicionais.

No nosso espetáculo, essas ideias orientam o olhar que damos à narrativa de Guimarães Rosa: queremos que a transformação do homem em onça e a tensão com a natureza sirvam para pensar relações de cuidado, pertencimento e interdependência. A montagem, assim, não se limita a criar experiência estética, mas busca abrir espaço pedagógico para que estudantes reflitam sobre como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor, incorporando a verbalidade, o ritmo e as palavras da obra como ferramentas de aprendizagem e diálogo.

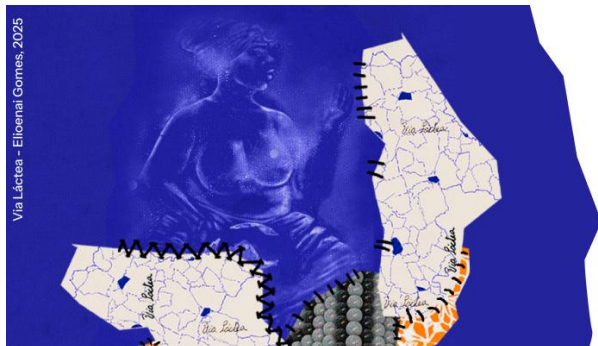


Figura 2 - Experimento sobre a natureza e o humano, 09.08.2025

Fonte: Arquivo Peti-Teatro

E é importante dizer que esse trabalho não é apenas um exercício de pesquisa ou uma montagem por si só. Ele também é uma experiência pedagógica. Para nós, que estamos mergulhados nesse processo, como também para o público, que apreciará a obra de forma integrada com intervenções de mediação cultural. A proposta é criar experiências em que os estudantes possam refletir sobre linguagem, filosofia, cultura e relações humanas de maneira ativa. O papel didático dessas mediações é múltiplo: ampliar a compreensão da literatura, despertar o gosto pelo ato de ler e ouvir, estimular a percepção crítica, a imaginação e a criatividade, além de fomentar a capacidade de interpretar e dialogar com ideias complexas de forma prática e sensível. Além disso, esse contato com a literatura e a reflexão crítica também contribui de maneira indireta para estudantes que se preparam para avaliações como o ENEM, ampliando repertório, raciocínio e habilidades de interpretação.

Ao longo desse processo, os estudantes não apenas recebem conteúdo, mas participam de uma experiência de aprendizado que se constrói no encontro com a obra, com os atores e com os colegas. O teatro, então, em sua forma mais pura, consegue ser um fio condutor de emoções. E o nosso trabalho com esse espetáculo



é conduzir esse conhecimento, compartilhar experiências, despertar reflexões e

sensibilidades. Quem aprende nesse processo não é apenas o público: nós, atores e pesquisadores, também nos aprofundamos, descobrimos novas formas de falar, sentir e pensar, e temos a oportunidade de transmitir isso adiante. O espetáculo combina várias dimensões, educação, humanidade, raciocínio, experimentação visual e sensorial. Criando um espaço em que todos podem absorver, refletir e levar esse aprendizado para suas vidas, seja para experiências cotidianas, seja para desafios acadêmicos. É por meio desse percurso que o PETI-Teatro da UESB reafirma seu compromisso com a criação artística e a mediação pedagógica, mostrando que a literatura e o teatro podem se tornar experiências vivas, integradoras e transformadoras.

Referências:

- BARRETO, Cristiane. *A travessia do narrativo para o dramático no contexto educacional*. Jundiaí, Paco Editorial, 2015.
- BISPO, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama, 2023.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1962.